

A SEMÂNTICA DA MEMÓRIA: SOBRE A POLIVALÊNCIA DO VOCÁBULO MEMÓRIA NAS LETRAS IBÉRICAS DO SÉCULO XVIII¹

Halysson F. Dias Santos*
(Uesb)

Marcello Moreira**
(Uesb)

RESUMO

Considerando os múltiplos e complexos valores conceituais do vocábulo memória, no estudo das relações que se processam entre as várias modalidades de memória e os produtos de uma dada cultura, é indispensável conhecer suas diferentes possibilidades de semantização. Objetiva-se, portanto, apresentar resultados de pesquisa sobre as diferentes noções que o vocábulo memória abarca em vários domínios da cultura letrada ibérica do século XVIII, especialmente no que se refere àquelas que mantêm pontos de confluência com a atividade poética, com vistas ao estudo das interações entre memória e poesia épica nas referidas letras, mais precisamente, no *Caramuru*, de Santa Rita Durão.

Palavras-chave: Significado. Memória. Polivalência. Século XVIII. Semântica

INTRODUÇÃO

Estudar as relações entre memória e gênero épico nas letras do século XVIII, torna indispensável uma delimitação das possibilidades semânticas que a palavra memória assume, diante da necessidade de relacionar essas letras com “o campo semântico geral da cultura de seu tempo” (HANSEN, 2007, p. 254). Conhecer tais limites conceituais nos

diferentes modalidades de memória que constituem matéria épica ou que são intrínsecas aos procedimentos de sua elaboração e à recepção imediata do poema.

Devemos ter em conta, porém, que a investigação de um conceito, como nos adverte Koselleck (2006, p. 111), não deve ser reduzida ao simples estudo dos significados das palavras e de suas variações¹. Assim, considerando “a estrutura, a função e os valores normativos das letras coloniais em seu tempo” (HANSEN, 2007, p. 253), partimos de quatro questões que servem para nortear a pesquisa e restringir o campo de trabalho: 1) Em quais domínios específicos da cultura letrada do período, é possível encontrar definições e empregos das diferentes acepções de memória? 2) Quais significados de memória disponíveis estão imediatamente relacionados à produção e recepção de textos escritos? 3) Quais os possíveis significados de memória que dizem respeito diretamente às práticas poéticas? 4) Em que sentidos a memória constitui matéria do poetar na tradição épica?

MATERIAL E MÉTODOS

Ante a enorme quantidade de documentos, optamos por trabalhar, entre outras obras², com: o *Diccionario da lingua portugueza* (1789) e o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), ambos do padre Rafael Bluteau, o *Diccionario Poético*, de Francisco José Freire, mais conhecido por Candido Lusitano (1765), e o *Diccionario de la Lengua Castellana* (1783)³; a *Philosophia Antigua Poética*, de Alonso Lopez

Pinciano (1596)⁴, as *Tablas Poéticas*, de Francisco Cascales (1617), as artes poéticas de Ignácio de Luzán (1789)⁵ e de Candido Lusitano (1759)⁶; a *Rhetorica Cristiana*, de Diego Valadés (1579) e a *Rhetorica*, de Gregório Mayans y Siscàr (1757); os tratados *Memoria, entendimiento y voluntad*, de Lorenzo Ortiz (1677) e *Examen de ingenios para las ciencias*, de Juan Huarte de San Juan (1768)⁷, bem como o *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luis Antonio Verney (1746). Quanto aos tratados sobre a arte da memória, nos valemos das pesquisas de Frances Yates, cujos resultados foram, em grande parte, publicados no *The Art of Memory* (1966; 2007). Realizamos o estudo do *corpus*: a) com o levantamento das ocorrências do vocábulo memória; b) elencando as diferentes acepções e empregos da palavra; c) estabelecendo suas distinções e limites semânticos; d) associando acepções e empregos à natureza dos domínios específicos em que se encontram. Por fim, identificamos e avaliamos as relações existentes entre certas noções de memória e a produção poética do período, sobretudo no que tange ao gênero épico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Certos conceitos, com o passar do tempo, apresentam constância histórica, como também “sentidos cambiantes” (KOSELLECK, 2006). Desde o século XI, a palavra memória tendeu historicamente à variação e à dilatação no seu campo semântico: o aparecimento de novos vocábulos de raiz comum, o emprego de adjetivos que ampliaram, restringiram e matizaram seus significados básicos e mais antigos, noções e metáforas que foram se incorporando a suas conceituações

2005). Mas, desde a Grécia antiga, essa polivalência vem se complexificando (RICOEUR, 2007, p. 27-40; VERNANT, 1999, p. 135-166). No caso do português, por exemplo, o vocábulo passou a fazer parte do léxico da língua no século XIII (CUNHA, 2002), tendo o seu campo semântico paulatinamente expandido, assim como o número de vocábulos a ele semanticamente associados (HOUAISS, 2008, p. 1890-91).

No século XVIII, a palavra já apresenta uma complexa polivalência semântica⁸. As múltiplas significações que assume, a depender do contexto e do domínio específico em que é empregado ou definido, geram diversas relações de sentido. Em muitos casos, estamos diante de “sentidos especializados” (ULLMANN, 1970, p. 174), em situações em que o emprego da palavra pressupõe uma série implícita de noções articuladas; quando a palavra, em seu significado particular, é parte de uma rede nocional – quando não a nomeia –, que diz respeito, por exemplo, a uma técnica mnemônica partícipe de uma arte, como é o caso da memória no âmbito da retórica, a uma arte autônoma, como a *Ars memoriae*, ou mesmo a uma tópica poética⁹.

Dentre as várias acepções atribuídas à palavra no século XVIII, destacamos, aqui, aquelas que mais diretamente dizem respeito à produção poética: 1) *memória como uma das três potências da alma*, ao lado do entendimento e da vontade; 2) *memória como uma das cinco partes da retórica*, uma técnica de associação de lugares, imagens e palavras, com vistas à memorização do discurso retórico; 3) *memória*

⁸ Tradicionalmente, houve uma recusa, no âmbito da Terminologia, à noção de polissemia para explicar a “polivalência funcional de uma mesma unidade lexical” em relação a léxicos especializados, preferindo-se admitir que a polivalência de certos vocábulos decorre do processo de homonímia. Postula-se também uma “exclusividade denominativa” segundo o

como uma arte (ars memorativa), autônoma em relação à retórica; 4) *memória como celebração de feitos e nomes ilustres*, compreendida em seu caráter monumental, como *topos* que constitui matéria primordial dos poemas heróicos, e que está associada às pretensões de perenidade da poesia e à sua função teológico-política nos séculos XVI, XVII e XVIII (HANSEN, 2008, p. 17; MOREIRA, 2004, p. 147; 2008, p. 113).

CONCLUSÃO

Como unidade lexical pluri-semântica, o vocábulo memória apresenta uma acentuada e interessante rede de significações na cultura letrada do século XVIII. O uso de seus vários conceitos e suas respectivas definições ocorrem nos mais diferentes domínios dessa cultura, o que torna fundamental, ao se empreender um estudo das relações entre certas modalidades de memória e a produção poética do período, conhecer com segurança seus limites e distinções.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BIZZOCHI, Aldo Luiz. **Léxico e ideologia na Europa Ocidental**. São Paulo: Annablume, 1997.

CUNHA, A. G. **Vocabulário Histórico-Cronológico do Português Medieval**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002 (CD-ROM).

HANSEN, João Adolfo. Introdução: Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). **Multiclássicos Épicos**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2008, p. 17-91.

_____. Para uma história dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII. In: FERES JÚNIOR, João; JASMIN, Marcelo (Org.). **História dos conceitos: diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Ed. Loyola: IUPERI, 2007, 253-266.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. Edição original: 2001.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC/RIO, 2006. Edição Original: 1979.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: Teoria & Prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. pp. 419-476. Edição Original: 1978.

MOREIRA, Marcello. As armas e os barões assinalados: Poesia Laudatória e Política em Camões. In: **Revista Camoniana**. 3ª série, v. 16, Bauru, São Paulo, EDUSC, 2004. p. 129-164.

_____. Louvor e História em *Prosopopéia*. In: TEIXEIRA, Ivan (Org.). **Multiclássicos Épicos**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2008, p. 95-116.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à Semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Edição original: 1990.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. Edição original: 2000.

_____. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006. Edição original: 2004.

ULLMANN, Stephen. **Semantica**. Introducción a la ciencia del significado. Madrid: Aguilar, 1970. Edição original: 1962.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Edição original: 1989.